

UM RELATO ETNOGRÁFICO DO BAIRRO DO MUTIRÃO: VIVÊNCIAS DA PERIFERIA EM CAMPINA GRANDE-PB

Olávia Fernandes ¹

O presente artigo visa socializar o relato de uma etnografia, a partir da atividade de campo desenvolvida na periferia de Campina Grande, no Bairro Mutirão. A aula de campo foi realizada em 2 de outubro, de 2018, e teve por objetivo analisar o desenvolvimento urbano e como as áreas periféricas demonstram, em seu modo de vida, o não-desenvolvimento da infraestrutura. A referida etnografia se deu através do componente curricular de Sociologia Urbana², dentro do Curso de Licenciatura em Sociologia (UEPB). Nas etapas do estudo, trabalhamos, inicialmente, o Bairro Mutirão e suas especificidades no tecido social de Campina Grande. Em seguida, articulamos com a teoria urbana, considerando a perspectiva de pensar a cidade em sua diversidade de uso e ocupação do solo (WIRTH, 1997). O Mutirão está localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Limita-se ao norte e ao leste com o Bairro Mutirão; ao sul, com o Distrito do Catolé e a oeste com o distrito de São Jose da Mata. O Mutirão começou a ser alvo de discussão desde que o depósito de lixo, da cidade Campina Grande, era feito no local. O denominado “lixão³” foi quem deu origem à comunidade que ali reside. A metodologia utilizada foi qualitativa, construída a partir da aula de campo do componente de Sociologia Urbana, em cuja disciplina se deu a construção do relato etnográfico. Empregamos o método da observação participativa dentro da comunidade do Bairro Mutirão. Utilizamos Engels (2010) como suporte teórico, que descreve o modo de vida urbano que as sociedades capitalistas desenvolvem, para com os trabalhadores no princípio da industrialização; e também Paulo Freire (1996), que reflete acerca da prática docente em prol do indivíduo, respeitando suas perspectivas sociais. Durante a observação, constatamos que os indivíduos obtinham o sustento por meio da coleta e separação de recicláveis. Nesse processo de separação do lixo reciclável, não trabalhavam somente adultos, mas também jovens e crianças. Ao observarmos os indivíduos nesse ambiente e analisarmos as faixas etárias que trabalhavam com reciclagem, os moradores tornaram-se alvos de uma preocupação que envolvia políticas públicas voltadas para moradia, emprego, educação, saúde e lazer. Em termos

¹ Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Email: olavia.fernandes@gmail.com

² Trabalho sob orientação da Profª Drª Maria Jackeline Feitosa Carvalho (UEPB/DCS/GEUR - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano), Email: jacsourbana@gmail.com

³ Aterro sanitário, antes chamado de “lixão”, pelos moradores de Campina Grande-PB.

espaciais, a organização do bairro do Mutirão se coloca da seguinte forma: o local tem como elemento central uma praça, que serve como ponto de partida para toda a distribuição do bairro. A praça dispõe de uma cesta de basquete improvisada pela própria população, três salas deterioradas com lixo e dejetos humanos (ENGELS, 2010). Há também um cercado de alvenaria e, em seu interior, uma torre que atua como depósito para o armazenamento de água. Essa torre serve como centro distribuidor de água potável para a população do bairro. Há na praça alguns equipamentos para a prática de atividades físicas. No entanto, a falta de arborização no local impossibilita o uso dos equipamentos públicos. Assim, constatamos que um dos problemas no bairro é a falta de lazer e espaços públicos que visem propiciar aos moradores um espaço de socialização e vivência. A praça deveria ser a parte do bairro que se destacaria pela paisagem natural e dinâmica de sociabilidade, contudo, o que ocorre é o inverso. É interessante perceber que o Bairro do Mutirão atua como uma variável dependente (OLIVEN, 1997), embora ele não seja o “combustível” para alimentar o desenvolvimento econômico da cidade, ele contribui para manter a coesão daquela sociedade. Essa coesão se dá pela forma com que os moradores contribuem com os impostos coletados, através da conta de energia elétrica; da compra de alimentos; compra de vestimentas; calçados e através do pagamento de passagem para o uso do transporte público (WEBER, 2015). O Mutirão não foi pensado para construções residenciais. As moradias foram sendo produzidas por cada morador que se encontrava nas dependências do aterro sanitário. Foram os catadores de recicláveis que deram sentido àquele espaço geográfico. Logo, laços de sociabilidade como famílias, apego ao ambiente, meios de sobrevivência, entre outros foram desenvolvidos no local (ENGELS, 2010). São situações que ninguém é capaz de reproduzir a não ser o próprio indivíduo ligado a sociedade, que reelabora o sentimento de pertença. “Nem o arquiteto, nem o urbanista, nem o sociólogo, nem o economista, nem o filósofo ou o político podem tirar do nada, por decreto, novas formas e relações [...]. Nem um, nem outro cria as relações sociais” [...] (LEFÉBVRE, 2001, p. 107). Para perceber o Mutirão na sua necessidade, devemos entender a cidade através de sua cultura, costumes e valores. Estes são fatores de suma importância para o desenvolvimento urbano de um povo. Dessa maneira, a sociabilidade desenvolvida no Mutirão pode ser percebida através do trabalho coletivo. Esse trabalho é desenvolvido por toda comunidade com uma única finalidade que é a de adquirir seu próprio sustento. O aterro sanitário foi removido para a zona rural de Campina Grande, próxima ao distrito de Catolé de Boa Vista. Mesmo com essa mudança de local, os moradores permaneceram vivendo da separação do lixo reciclável. Essa afirmação foi validada depois da visita ao bairro, o que nos

possibilitou conhecer mais sobre o modo de vida dos indivíduos. Ao observar aquele cotidiano, percebemos que os moradores ficavam esperando chegar caminhões de lixo para começarem a coleta. Quanto à forma de organização para indivíduos que ali residem, vimos que houve a retirada dos dejetos do local, para que os catadores fixassem suas moradias. Contudo, não foi dada a oportunidade deles ingressarem em outros tipos de ocupação profissional, ou sequer foram oferecidos equipamentos de segurança para os moradores desenvolverem o trabalho da separação de recicláveis. A falta de EPIs é visível. Os catadores não dispunham de máscara, óculos de proteção, luvas, botas ou aventais. Outra prevenção que deveria fazer parte da vida desses catadores é a vacina antitetânica e exames de rotina realizados de forma regular. Ou seja, não faltam somente políticas públicas de desenvolvimento espaciais, mas também uma política pública que se preocupe com a saúde daqueles indivíduos. Falta também educação social que possa impulsionar a formação individual de cada morador para o potencial que eles têm objetivado dentro da comunidade (FREIRE, 1996). Um exemplo desse potencial é o trabalho artesanal que é manufaturado pelas mulheres na associação dos catadores. O artesanato é produzido com materiais que são coletados no lixo. A matéria-prima para esse trabalho é o vidro. Com ele, as mulheres da comunidade recriam enfeites com formas e cores. São produzidos utensílios de casa, tanto para decorar quanto para uso no dia a dia. No processo de (re)criação, os vidros passam por altas temperaturas e, em seguida, pela técnica do resfriamento. É esse processo que faz com que o vidro fique flexível e possibilite a moldura do mesmo. Esses são moldados no formato de baixelas, pratos, copos, bandejas e etc. Os moradores ocupam o espaço físico para o desenvolvimento das aulas e possuem parte do equipamento para a manipulação do trabalho com o vidro. Contam também com a utilização da estufa e do prédio, local em que está centralizada a associação dos catadores. A associação é um amplo salão com salas divididas por parede de alvenaria. Há espaços reservados para os materiais coletados, sala de manipulação dos vidros, pias, banheiros com classificação masculino e feminino, copa e cozinha. Na cozinha, há disponível para uso o coletivo: fogão, geladeira, talher, pratos, copos, vasilhas de plástico e de alumínio, panelas e etc. Essa representação de organização do espaço utilizado nos dá a entender que cada coisa fora pensada não somente para suprir com as necessidades do momento, mas, inclusive, para o uso de todos que compartilham do mesmo modo de vida. Percebemos que há um sentimento de solidariedade. É a solidariedade que mantém eles unidos em prol de si e da coletividade. É a solidariedade que mantém o grupo estruturado. Este trabalho teve como suporte teórico Engels (2010), que descreve o modo de vida urbano que as sociedades capitalistas desenvolvem para com os trabalhadores no princípio da

industrialização, e também em Freire (1996), que reflete acerca da prática docente em prol do indivíduo, respeitando suas perspectivas sociais. Assim, percebemos que o desenvolvimento econômico transforma o urbano, mas, não oferece aos cidadãos o direito de acesso à cidade de maneira igualitária. Portanto, acreditamos que é necessário demonstrar que a educação é o pilar para a formação integral do indivíduo e para sua vida em sociedade. Diante do que pudemos observar nesse espaço, percebemos que o processo de desenvolvimento social não está interligado com a economia, mas com valores. Valores esses que só têm conhecimento, aqueles que dividem o mesmo espaço, as mesmas dificuldades, os mesmos desejos, os mesmos sonhos. A sociedade contemporânea é camuflada pela qualidade de vida. No entanto, essa qualidade não está inserida no uso que se faz da tecnologia, nem na posse de produtos de última geração. Ela é percebida quando os indivíduos, de um mesmo grupo, procuram viver em simetria de direitos sociais (SIMMEL, 2005). É quando a desigualdade não se faz presente. É quando o “bem maior” a ser preservado é o direito à vida. Só assim estará presente o lazer, a segurança, a saúde, o emprego e os laços de sociabilidades mais firmes. O Bairro do Mutirão se encontra com falta de saneamento básico, de assistência médica e de oportunidade de emprego, contudo, desfruta da sociabilidade e da apropriação do espaço do próprio bairro (CARLOS, 2007) . Vimos que os interesses capitalistas das imobiliárias, da indústria e comércio ainda não adentraram no bairro, porque, a partir do momento que tiver um investimento imobiliário no local, haverá uma intenção de lucro. O espaço será utilizado como mercadoria, passará por um processo de valorização. Com esse tipo de investimento, só fará parte dele, quem puder pagar. Vale destacar que existe um tipo de investimento no interior do bairro, realizado pelos próprios moradores. Vimos comércios como: padaria, açougue, quitanda de frutas e verduras, entre outros. Sendo assim, essa é uma movimentação econômica em prol dos próprios usuários daquele local. Percebemos, portanto, que a cidade não é composta somente por sua estrutura física, mas pelas relações interpessoais. O bairro do Mutirão não surgiu a partir do interesse capitalista, nem do provimento das necessidades das pessoas que ali residem. Esta não é uma preocupação da economia nem do sistema. Porém, são as necessidades básicas daquelas pessoas que também alimentam o desenvolvimento do capitalismo. Infelizmente, o sistema capitalista e a má distribuição de renda acabam ocasionando a omissão para a criação de políticas públicas igualitárias que garantam os direitos básicos de todos os cidadãos. Isso interfere na capacidade de se desenvolver uma assistência humanística de maior preocupação com o outro.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 31-89.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 12-52.

CARLOS, Ana F. A. **A prática espacial urbana como segregação e o “Direito à cidade” como horizonte utópico**. São Paulo, SP: Contexto, 2007, p. 95- 108.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 181-211; 249-263.

LEFÉBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001, p. 3-26; 103-116.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010, p. 7-23.

SIMMEL, Georg. ‘As grandes cidades e a vida do espírito’. Rio de Janeiro. **Revista Mana**, v. 2, n. 11, 2005, p. 577-591.

WEBER, Max. **Economia e sociedade - Conceito e categorias da cidade**. 4 ed. Brasília: UNB, 2015, p. 408-425.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Octávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 90-113.